

## MÁXIMO, Mário. *O infausto quarteto*. Romance. Lisboa: Fonte da Palavra, 2014. 334 p.



Confiado na sensibilidade do leitor, vai Mário Máximo pontuando seu livro com reflexões poéticas: “para lá dos continentes, sempre mais esperança, para lá dos céus, sempre mais firmamento. Saudade era palavra vã...” (p. 276). Aqui há a conclusão sobre um estado de espírito que é o da esperança no futuro.

A capa do livro dá mostra da antecipação, presente no título, no gênero e na ilustração. O gênero vem expresso na palavra romance. O adjetivo infausto inclina-se para o negativo e o substantivo quarteto revela o conjunto de participantes. Mas o número quatro é reiterativo. Está ele, de modo diverso, no desenho das formas geométricas que arrematam a página: triângulo, quadrado e círculo imbricam-se no hexágono, levando consigo sua simbologia. Observem-se os elementos de três e quatro lados que não se completam, diferentes dos dois outros, fechados em si mesmos. Pela sugestão da capa, o leitor firma seu contrato de leitura e abre o horizonte de expectativa. Assim, prevê-se uma história cuja trama realiza-se pela atuação de quatro individualidades: a palavra quarteto é clara, as formas geométricas, iterativas. E ainda há uma promessa que, em certo momento da história, em uma festa de lançamento de livro, se proclama: “O personagem principal é um homem e tem um nome conhecido. Só não consigo é lembrar-me qual é esse nome” (p. 308).

É o anúncio de um texto que bem pode ser o de *O infausto quarteto*, sendo este um romance que se narra em terceira pessoa, contando fatos do passado. Nele, tem-se um narrador que tanto relata o mundo objetivo, como o subjetivo. Tanto dá conta dos incidentes da comunidade, como dos acontecimentos da interioridade dos participantes da trama. É este narrador que anota pensamentos e sentimentos dos seres ficcionais e oferece a eles a palavra nas trocas do diálogo. Vem o discurso direto que, muitas vezes, se transforma em discurso direto livre – (“O que queria ele afinal? Qual era o lugar de Iva Calix? Qual era o lugar de Mariana?” (p. 115) – e discurso indireto livre – (“Perante aquele fascínio momentâneo e inesperado que lhe importavam as palavras que à sua volta pudessem proferir?” (p. 20) –, quando a voz do narrador parece fundir-se à voz da figura narrativa.

É narrador que tudo sabe e tudo vê, exprimindo-se na onisciência que lhe proporciona a ficção. Mas é

narrador que, vez ou outra, permite que os seres expressem reflexões próprias (p. 68-69). É ele o responsável pela entrada em cena, uma a uma, das entidades romanescas, sobre elas tecendo comentários e fazendo interpretações. Será esse narrador onipotente que regulará o tempo da ação, movendo o calendário para diante e para trás, conforme exigir o entendimento da história.

Sabe-se, pela capa do livro, que a intriga principal caberá a quatro seres. São as personagens que, responsáveis pela ação romanesca, movem-se no interior da intriga. A personagem é o significante da pessoa. O retrato construído na leitura está ligado à experiência do leitor que vai entendê-la, como um elemento do texto e um elemento do mundo exterior ao texto.

É na primeira página de *O infausto quarteto* que se introduz o protagonista (“Cesário, sentado no maple que arrastara até à porta da varanda, saboreava o início frugal de mais uma noite de Outono” (p. 9).

Cesário espera a chamada telefônica de Rogério. Os amigos vão debater sobre a realidade que os envolve: a convocação para o Serviço Militar. E esse assunto alimentará os encontros com os demais companheiros, com experiência em campo de guerra. No entanto, o 25 de abril surpreende a personagem no Hospital Militar: “Um pequeno rádio a pilhas trouxe-lhe a novidade” (p. 101). Trata-se da nova realidade gerada pelo golpe do Movimento das Forças Armadas que dá os primeiros passos, e “a vida começa a ser diferente para “todo um povo” (p. 102). Debates e discussões políticas estendem-se em vista de tomadas de posição (p. 84). Já em julho de 1974, Cesário ingressa no Partido Socialista (p. 84), sem ter a certeza de que seria a escolha certa. Porém consola-se, pensando que, a ser erro, haveria correção, dada essa uma vantagem da democracia (p. 84). Sobre a vida política, acendem-se discussões, verdadeiro desenrolar de argumentos que põem em causa posicionamentos tidos como definitivos. É sobre o comunismo que se disserta e que se contrapõem ideias. Ouve-se comentários de amigos que divergem e de antagonistas que procuram soluções. Mas Rogério e Martinho despedem-se com “abraço apertado e fraterno”, de vez que

A discussão política assumia, no Portugal ardente de setenta e cinco, o foro de permanência. Era imperioso consumir todos os diálogos políticos que ficaram por fazer durante quarenta e oito anos. Um tão longo estado de ansiedade, teria de ter como resultado um êxtase assim. (p. 155)

Paralela à vida política corre a vida afetiva. E o narrador (p. 103), que tudo sabe, alerta para o fato de Cesário não dar atenção às mulheres que lhe cruzam o caminho. Fato que se deve à inconformidade do rapaz, pelo rompimento com sua paixão, pois “A imagem de Luísa a seu lado era-lhe demasiado cara para olvidar com rapidez” (p. 103).

A causa do afastamento da amada, o rapaz atribui a dois fatores: primeiro, o da convocação para o Serviço Militar, depois, o do surgimento da mulher que havia sido esposa de seu pai: Mariana que, pelas tantas, assume ar de namorada. Contudo, o pensamento de Cesário está em Luísa. Recorda-lhe “centímetro a centímetro as sinuosidades do corpo”. Relembra “gestos, esgares, pequenas mutações do semblante” e tem a certeza de amar com todas as suas forças e capacidades e acredita ser retribuído do mesmo modo. (p.72).

Além de Mariana, aparece Iva, mulher casada com homem de posses. Vive luxuosamente com extravagância, movimentada-se na alta sociedade e coloca em suas relações boa dose de irreverência. Cesário, depois do afastamento de Luísa, liga-se a essas duas mulheres, visitando ora uma ora outra.

Quarteto composto, tem-se as quatro personagens, simbolizadas pelos elementos geométricos, da capa do livro.

A construção das personagens faz-se na descrição de aspectos físicos e psicológicos. Assim como se desenham formas e vestuários, vislumbram-se comportamentos e atitudes. Os cenários contam para a compreensão dos caracteres e para o entendimento das relações humanas. “A voz, a música pareciam não oriundas do gira-discos, mas sim daquele conjunto: homem, mulher, amor, arte e natureza”. (p. 66).

O narrador faz o chamamento à música, sem excluir a pintura. São várias as peças que não só adornam a ação, como conferem significado à cena. Livros encontrados na casa, composições musicais preenchendo os ambientes, tudo conflui para a composição de atmosferas, em que se transfiguram caracteres. “Homem, mulher, amor, arte e natureza” fazem a poesia dos momentos em que a sensibilidade fina se une às sensações físicas para produzir a vivência da relação amorosa. Os encontros de amor dão nota de relevo ao romance. Os cinco sentidos biológicos acodem em intensificação máxima. O paladar, com o concurso dos órgãos da gustação, é o primeiro a ser convocado, seguindo-se pela visão e pelo tato, com que as sensações térmicas vão ao grau de “lança-chamas” (p. 265). A sonoridade e o perfume são evocados (p. 265). O corpo da mulher e o corpo do homem são descritos com sensibilidade visual e tátil. O vestuário é elemento de beleza que, ausente e presente, nos seus detalhes, é referido como fator de erupção erótica. A nomeação da roupa íntima faz parte do mesmo ato de desnudar. O corpo fica livre para receber e dar amor. A fricção provoca a chama que pode devorar os corpos, mas que, no aconchego do amor, produz ainda mais vida. Os limites são ultrapassados no excesso que o erotismo proporciona. Sexualidade que se aproxima da interioridade pela riqueza que traz.

É um romance fausto o que Mário Máximo oferece. É fausto pelos caracteres que desenha, pelas teses que desenvolve, pela humanidade que transcende a trama. O quarteto constitui-se na vivência do protagonista, com individualidades ultrapassando contingências, afetos semeando conflitos. Ressaltam, deste romance, duas vertentes de estudo: a dissertação argumentativa dos aspectos da política e a criação poética particularmente do amor na dignificação do erotismo.

BEATRIZ WEIGERT  
CLEPUL

Recebido: 25 de outubro de 2015  
Aprovado: 17 de dezembro de 2015  
Contato: beatriz.weigert@gmail.com